

Questões de exílio e etnia na ficção de Dionne Brand e Jamaica Kincaid

Tacel Coutinho Leal

Resumo: O presente trabalho explora a questão do exílio sob o ponto de vista da mulher. Para tanto, os contos “On seeing England for the first time”, de Jamaica Kincaid, e “Blossom”, de Dionne Brand, são discutidos levando em conta questões como a sensação do “não-pertencimento” e a dificuldade da condição feminina no auto-exílio. Nas duas histórias, as personagens migram de algum lugar do Caribe para países da América do Norte – EUA e Canadá, respectivamente. Não só a condição migrante se mostra como um impedimento de “assimilação”, mas também a condição feminina e étnica. Alguns conceitos extraídos dos textos “Can the Subaltern speak?” (1994), de Gayatri Spivak, e da coletânea *Other solitudes: Canadian multicultural fictions* (1995) também fazem parte da análise.

Abstract: This work explores the question of the exile under the perspective of women. For this purpose, the short stories “On seeing England for the first time”, by Jamaica Kincaid, and “Blossom”, by Dionne Brand, are discussed taking into consideration aspects such as the feeling of inadequacy and the drawbacks of the female condition in self-exile. In both stories, the characters move from places in the Caribbean to countries in North America – USA and Canada, respectively. Not only the migrant condition is an impeding factor to “assimilation”, but also the female and racial condition as well. Some concepts taken from the texts “Can the Subaltern speak?” (1994), by Gayatri Spivak, and the collection *Other solitudes: Canadian multicultural fictions* (1995) are also included in the analysis.

Eu não tenho nenhuma idéia de como deve ser viver estando *dentro* – a sensação de pertencimento de alguém que está *dentro*, algum tipo de pertencimento.¹

Dionne Brand

Em seu artigo “English in the world/The world in English”, Alastair Pennycook explora a relação entre as desigualdades globais e a língua inglesa (2001, p. 78). É inegável a participação desta nos processos de colonização (no

¹ Minha tradução do diálogo original presente no documentário *Listening for something: Adrienne Rich and Dionne Brand in Conversation*.

passado) e globalização (no mundo atual). Já Kanavillil Rajagopalan lembra que, para muitos, tal globalização não passa de uma “estadunização” ou “coca-colonização”, e divide a participação da língua inglesa no mundo em três grupos: 1 – países do círculo em expansão (como o Brasil, onde o inglês é uma língua estrangeira); 2 – países do círculo interno (EUA, Canadá e Austrália); 3 – países do círculo externo (Índia, Paquistão, Nigéria e alguns lugares do Caribe). Aqui a língua inglesa é uma segunda língua e foi imposta pela colonização (Rajagopalan, 2005, p. 39-41). Foi exatamente em países do círculo externo que uma nova literatura em língua inglesa começou a ser grandemente produzida nas décadas finais do século XX. Em alguns casos, os autores de tais localidades deixaram suas pátrias e migraram para algum dos países do círculo interno (países do hemisfério Norte). Tal fenômeno ainda continua a acontecer neste novo século. Assim, essa literatura tem se tornado uma das principais formas de não só buscar algum tipo de justiça e expressão para povos até então sem voz, mas também um fator decisivo na expansão do cânone.

As duas autoras presentes neste ensaio, Jamaica Kincaid e Dionne Brand, podem ser incluídas dentre esses escritores. Ambas migraram de países do Caribe para grandes centros da América do Norte. Ambas começaram a escrever em inglês e alcançaram reconhecimento e prestígio. Kincaid, nascida em Antigua, migrou para os EUA em 1965 (em Antigua estudou pelo sistema britânico, uma vez que até 1967 Antigua e Barbuda foram colônias britânicas). Em Nova Iorque trabalhou como *au pair* antes de começar sua carreira literária. Até 1995 trabalhou como *staff writer* para a revista *The New Yorker*. Hoje é professora em Harvard, onde ensina escrita criativa. Entre suas inúmeras obras, destacam-se *A small place* (1988), *Lucy* (1990), *Among the flowers: a walk in the Himalayas* (2005) e o conto “On seeing England for the first time” (1991). Brand, nascida em Trinidad e Tobago, migrou para o Canadá, onde estudou na Universidade de Toronto e obteve seu doutorado em História da Mulher. Atualmente é professora na Universidade de Guelph. Em sua obra numerosa e variada (ela é romancista, contista, poeta e escreve textos não-ficcionais sobre cultura e

mulher) destacam-se *Chronicles of the hostile sun* (1984), *Thirsty* (2002) e *What we all long for* (2004), este último, ganhador do “City of Toronto Book Award” de 2006.

Nas duas histórias aqui presentes, “On seeing England for the first time”, de Kincaid, e “Blossom”, de Brand, a história da mulher se confunde e se mescla com a história do colonialismo, com a história dos povos que tiveram seu destino transformado pela imposição colonialista. Na história de Kincaid (que pode ser vista como autobiográfica), uma menina tenta entender o mundo que a cerca (na ilha de Antigua) sob o domínio inglês. A presença inglesa é uma constante na história, desde a roupa que veste, a comida que come (as palavras “made in England” se espalham por toda parte), até o hino e a bandeira inglesa – presenças marcantes na escola em que estuda. A escola, na verdade, é o grande agente de “conversão” e dominação. Como a própria personagem diz,

Eu não sabia até então que a ordem “desenhe um mapa da Inglaterra” era algo muito pior do que uma declaração de guerra, pois uma declaração de guerra direta teria me colocado em alerta, mas também não havia necessidade para uma guerra – há muito eu já havia sido conquistada.²

O efeito de incontáveis vezes em que à personagem é imposto saber a história inglesa, o nome de seus reis, seus desapontamentos, a fazem se sentir “como nada”. Sua realidade, o clima e a história da ilha onde vive não podem se enquadrar dentro das incessantes visões que lhe são impostas – visões de um lugar mítico, ou, como a personagem bem descreve, a Inglaterra é a “Jerusalém” e somente os bons vão para lá (bom aqui significa “inglês”).

A sensação de “não pertencer”, de inadequação, já lhe é familiar na infância. A metáfora de que ela, ainda que passe a sensação de ser alguém que está de fora (por ter nascido em Antigua) olhando para dentro (Inglaterra), seu nariz colado em um vidro, não condiz com a realidade – ela realmente está

² O conto “On seeing England for the first time”, de Jamaica Kincaid, foi obtido na Internet. Todas as citações neste artigo são por mim traduzidas.

olhando de fora, mas com um aparato de ferro atrás de seu pescoço forçando sua cabeça para o ato de olhar. Desviar o olhar seria “cair novamente em algo do qual ela tinha sido resgatada, um buraco preenchido de nada”. A ação colonizadora inglesa é tão eficaz, a violência de sua ação no imaginário e na cultura do local é tanta, que voltar atrás, aos velhos costumes (antes da chegada dos ingleses) equivale a ser reduzido a “nada”.

É apenas quando a personagem cresce, que se torna

a esposa de alguém (...) uma pessoa que reside num país poderoso que toma mais do que sua parte justa de um continente, a dona de uma casa com muitos quartos e dois automóveis, com desejo e vontade própria (que ela faz questão de usar) de tomar do mundo mais do que ela dá, mais do que ela merece e precisa,

que ela finalmente vai à Inglaterra, o lugar mítico de tantas lições e deveres na escola. Sua recusa e repulsa pela Inglaterra é imediata e irremediável, porém sua opinião de nada adianta. Ela se diz também capaz de sentir preconceito, embora seus preconceitos não possuam força política para gerar qualquer reação. Como ela mesma é capaz de perceber,

meu preconceito permanece minha opinião pessoal. E um grande sentimento de raiva e desapontamento me tomou e eu olhei para a Inglaterra, minha cabeça cheia de opiniões pessoais que não poderiam ter aprovação pública, minha aprovação pública. As pessoas de onde eu venho não têm poder para fazer o mal em grande escala.

A mudança aqui é interior; sua raiva é capaz de transformar a maneira com a qual ela se inscreve no mundo, a maneira como concebe seu país e sua história – mas sua recusa e repulsa à Inglaterra é incapaz de gerar força política. Por ser mulher, negra e imigrante, sua opinião e seu preconceito são desacreditados e ignorados.

A raiva é também um sentimento de transformação no conto “Blossom”, de Brand. Na história, a personagem Blossom migra de Trinidad para Toronto por força de sua realidade. Em Toronto, trabalha como *baby sitter* e doméstica, embora nunca

tenha pretendido “ter este tipo de trabalho, sempre limpando atrás dos brancos”. Tenta ser secretária, mas desiste, não só por não conseguir datilografar, mas porque “seu coração não estava naquilo”. Após várias outras tentativas, a personagem acaba voltando a trabalhar na casa das famílias brancas como doméstica. Seu patrão, um médico, tenta estuprá-la. Sua reação, como sempre ao longo da narrativa, é movida pela raiva e pelo desejo de justiça. Blossom vai para a porta de casa de seus patrões com um cartaz que diz: “o doutor meu patrão é um estuprador”. Sua reação difere daquela comum para muitas mulheres em casos de estupro: ela recusa a aceitar o silêncio e a resignação. Após um breve envolvimento com a polícia, que a detém, ela é liberada para seguir sua vida.

O que segue na narrativa reforça o peso que ela, assim como no conto de Kincaid, sente sendo mulher, negra e imigrante num país onde não tem voz. Após casar-se com Victor, sua vida parece melhorar. Mas o marido, frio e ausente, maltrata-a constantemente. Até um dia em que a mudança, também interna, chega:

Então a vida foi indo como deveria ser, até Blossom decidir não ir trabalhar um dia. Naquela época, ela e o marido moravam na rua Vaughan, e Blossom levantou sentindo-se uma mulher velha. Cansada. Alguma coisa dizia a ela para permanecer em casa e pensar em sua vida; porque aos trinta e seis nenhuma mulher deveria se sentir velha e cansada. Dez anos que ela estava aqui e nada tinha acontecido, apenas ficava cada vez mais velha, assistindo às pessoas brancas viverem (Brand, 1995).

A partir daí, sua rebelião é sem volta. Após receber uma espécie de revelação envolvendo o passado mítico/místico de sua descendência caribenha, Blossom entra em contato com suas raízes e se transforma numa “obeah woman” – uma sacerdotisa que traz conforto às pessoas de sua comunidade que sofrem os mesmos maus tratos que ela. Nas horas vagas ela vende bebida ilegalmente, mudando assim sua história. Desse momento em diante, ela começa a se vestir sempre de amarelo e vermelho – “as cores da alegria e da guerra contra o sofrimento”.

Em entrevista para Dagmar Novak (in *Other solitudes*, 1995), Brand afirma que o sentimento de raiva em seu conto deriva da sensação de subordinação que Blossom sente em relação aos brancos (assim como da subordinação que sente em relação ao seu marido). Para Brand, a raiva pode sim ser positiva (quando alguém se revolta contra o silêncio e a injustiça, por exemplo). No entanto, ela se recusa a aceitar a opinião dos críticos que insistem em ver na literatura negra apenas dois tipos de sentimentos – a raiva e a tristeza. Para ela, seu conto “Blossom” exprime outros tipos de sentimentos: a alegria, a excitação, a confusão, o desejo erótico, o remorso e a euforia.

Brand se recusa a ver seu conto, ou os livros que escreve, como universais:

Eu estou cheia dos apelos para a universalidade. Parece-me que apenas àquelas obras escritas por autores que não são brancos é exigido que se provem universais. Da literatura branca nunca se exige tal universalidade, mas a todas as outras literaturas é imposto que abandonem seus projetos específicos para que se adaptem ao entendimento da literatura branca como expressão da sensibilidade branca. Os críticos brancos se preocupam em racionalizar e homogeneizar os códigos culturais brancos que estão, é claro, cheios de relações históricas de poder. Universal, assim, significa branco. Eu não me importo com o que é universal, eu me importo com o que é específico (1995, p. 272-273).

Tal imposição também se faz presente na recepção da literatura e do cinema *gay*. A retórica do “universal” também limita e diminui tais obras – nesse último caso, universal significa “heterossexual”.

Em Brand, a força da mudança advém de um passado mítico/místico da cultura negra. Para ela, Blossom precisa “escavar um passado que ela mesma reteve; ela torna-se uma *obeah woman* porque essa foi uma das coisas que os negros conseguiram reter nas Américas, algum sentido de passado que não é um passado controlado pelas mesmas coisas que a controlavam na história” (1995, p. 273). Na história de Kincaid, a personagem, ante a Inglaterra, recusa todo o imaginário e as lições de sua escola colonial. É no passado e em suas raízes que

encontra forças para abandonar e destruir toda sorte de imagens que lhe foram impostas desde sua infância.

No entanto, ambas as vozes aqui presentes refletem a mecânica da submissão imposta pelo colonialismo e pelas construções de gênero. Ainda que essas duas personagens consigam quebrar o ciclo de silêncio e resignação conferido às mulheres, suas vozes esbarram em construções ideológicas de poder que vão além da questão colonial. Para Gayatri Spivak, a mulher como sujeito subalterno sofre duplamente tais configurações de poder. De acordo com ela,

Dentro do itinerário extinto do sujeito subalterno, a marca da diferença sexual é duplamente apagada. A questão não é exatamente a participação feminina na insurreição, ou das regras fundadoras das divisões do trabalho, pois para ambas existem “evidências”. A questão é, na verdade, que como objeto da historiografia colonial e como sujeito da insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras (1994, p. 82).

Na história de Kincaid, a personagem tem voz, porém não pode ser ouvida. Já a personagem de Brand refaz sua história, mas ainda assim continua a ocupar uma posição periférica em Toronto. Somada a tudo isso, há a questão étnica. Como a própria Brand afirma, “eu poderia escapar do fato de ser uma imigrante, mas juntamente com as outras pessoas negras que têm vivido neste país por três séculos, eu não poderia escapar de minha raça de forma alguma” (Kamboureli, 1996, p. 407).

Referências

BRAND, Dionne. Blossom. In: HUTCHEON, Linda; RICHMOND, Mary (Orgs.). *Other Solitudes – Canadian Multicultural Fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1995.

KAMBOURELI, Smaro (Ed.). *Making a difference: Canadian multicultural literature*. Toronto; New York: Oxford University Press, 1996.

KINCAID, Jamaica. On seeing England for the first time. Disponível em: <www.wpunj.edu/library/reserves/Malachowski/mal110_3.pdf>.

Acesso em: 7 out. 2007.

LISTENING for something: Adrienne Rich and Dionne Brand in conversation. National Film Board of Canada (NFB), 1996. 1 DVD.

PENNYCOOK, Alastair. English in the world/The world in English. In: BURNS, A.; COFFIN, C. (Ed.). *Analysing English in a global context*. London; New York: Routledge, 2001. p. 78-89.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O grande desafio: aprender a dominar a língua inglesa sem ser dominado por ela. In: GIMENEZ, T. et al. (Orgs.). *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: Educat, 2005. p. 37-48.

SPIVAK, Gayatri. Can the Subaltern speak? In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Ed.). *Colonial discourse and post colonial theory*. New York: Columbia University Press, 1994. p. 66-111.